



**MIAU!** – Semanário humorístico, que se publicou no **Porto**, entre **21 de Janeiro e 26 de Maio de 1916**, totalizando 19 números. Era propriedade da «empresa miau!», tinha como editor Mário d'Oliveira, e na redacção: **Guedes de Oliveira** (1865-1932)<sup>1</sup>, **Leal da Câmara** (1876-1948)<sup>2</sup> e **Manuel Monterroso** (1875-1968)<sup>3</sup> – uma tríade de artistas que já era conhecida do público e, à data, andava empenhada em agitar a vida cultural do Porto, através de um programa de tertúlias e exposições de arte. Recorde-se que a 5 de Janeiro desse mesmo ano de 1916, havia inaugurado no Palácio da Bolsa do Porto, a **Exposição de “Os Fantasistas”**, iniciativa de uma auto-denominada «sociedade de Belas Artes», recém-formada, cujos promotores e corpo directivo eram, *grosso modo*, fundadores e colaboradores do *Miau!*. De facto, na génese do grupo “Os Fantasistas” estivera Leal da Câmara, regressado ainda há pouco de Paris (1915), com a bagagem repleta de projectos inspirados nas mais recentes experiências estéticas, ao qual se juntaram outros artistas

---

<sup>1</sup> Henrique António Guedes de Oliveira nasceu no concelho de Baião. Desde muito novo revelou interesse pelo jornalismo e pelas actividades tipográficas. Estreou-se em jornais juvenis, a que se seguiram as folhas humorísticas e a imprensa operária. Também publicou livros de poesia satírica, que revelaram a sua sensibilidade e atenção para as questões sociais. O reconhecimento dos seus dotes literários abriu-lhe oportunidades de colaboração com a imprensa mais cotada, quer no campo humorístico, nomeadamente n' *A Paródia* e n' *O Sorvete*, quer em jornais como a *República Portuguesa*, *O Primeiro de Janeiro* e muitos outros. Também desenvolveu intensa actividade como produtor das artes de palco, exposições de pintura. Interessou-se também pela fotografia. Numa primeira fase, esteve associado à firma Sala & Irmão, a que sucedeu a Guimarães & Guedes. Durante muitos anos pertenceu aos corpos gerentes da Associação de Jornalistas e Homens de Letras. Guedes de Oliveira assina a maioria dos editoriais do *Miau!* e muitos outros pequenos textos em prosa e em verso. Também assina sob o pseudónimo de “Tito Litho”.

<sup>2</sup> Tomás Leal da Câmara nasceu em Pangim, na Índia, em 1876. Embora tenha revelado, desde muito cedo, uma aptidão especial para o desenho, principalmente a caricatura, os pais almejavam-lhe outro futuro: médico. Por pressão familiar, acabou por frequentar o Instituto de Agronomia e Medicina Veterinária, que abandonou em 1896 para se dedicar à defesa do ideal republicano. Além de ter sido colaborador activo dos jornais da época, humorísticos e noticiosos, Leal da Câmara fundou e dirigiu periódicos que se destacaram pela sua qualidade gráfica, mas também pela sua crítica cáustica à Monarquia e à Igreja. Várias dessas suas publicações foram suspensas e Leal da Câmara foi mesmo forçado a exilar-se. Esteve em Madrid, depois em Paris e na Bélgica, colaborando com a imprensa humorística destas capitais europeias, nomeadamente no *Vida Literária*, *Madrid Cómico*, *Rire*, *L'Assiette au Beurre*, *L'Indiscret*, *La Caricature* e *Le Rire Belge*. Após a implantação da República, Leal da Câmara regressou ao país e fixou-se no Porto. Tomou então parte no movimento modernista português que esboçava as suas primeiras manifestações. Ainda que mantenha a sua veia humorística, Leal da Câmara desdobrou a sua actividade pela ilustração de livros, pela pintura, expondo e proferindo conferências sobre a caricatura, a arte em geral e a publicidade.

<sup>3</sup> Manuel Aníbal da Costa Monterroso nasceu em Amarante. Formado em Medicina, que sempre praticou, dedicou-se também às artes, nomeadamente à caricatura, à ilustração, à decoração e à cerâmica. Foi colaborador de muitos e prestigiados periódicos como *Os Pontos nos ii*, *A Paródia*, *Arte*, *O Primeiro de Janeiro*, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Ilustração Portuguesa*, *A Águia*, *ABC*, *Sempre Fixe*, *Comércio do Porto* e outros. Também foi professor de Anatomia Artística na Escola de Belas Artes do Porto. Manuel Monterroso era muito próximo de Leal da Câmara e apoiou-o nos seus mais arrojados projectos. Foi co-fundador do *Miau!*, no qual publicou diversas caricaturas. A partir do n.º 7, de Março, as caricaturas de Manuel Monterroso desaparecem das páginas da publicação, o que parece ter ficado a dever-se à sua incorporação no C.E.P.



portuenses, como Armando de Basto, Diogo de Macedo, Manuel Monterroso, Christiano de Carvalho, Abel Salazar, Carlos Ribeiro, Henrique Medina, entre outros.

A exposição foi muito participada, reunindo cerca de 40 artistas, e muito eclética em matéria de formas de expressão e de estilos. Não fora, portanto, uma exposição modernista, nem tão pouco humorística – à semelhança dos célebres Salões Humoristas que se haviam realizado em Lisboa em 1912 e 1913, ou da exposição que reunira modernistas e humoristas no Porto, em 1915 –, ainda que os não repudiasse, pelo contrário. Além de algumas coincidências no leque de artistas expostos, alguns dos trabalhos presentes apresentavam níveis de irreverência que despertaram a atenção da crítica e dividiram as opiniões menos tolerantes para com as extravagâncias modernistas. De facto, o propósito de “Os Fantasistas” não se cingia às questões estéticas. No fundamental, a sociedade defendia que a arte e o artista beneficiariam se trabalhassem em articulação com a indústria, na medida em que essa aproximação significaria um alargamento do mercado, isto é, do público com interesse e acesso à arte. Consequentemente, concebiam também um campo de intervenção artística bastante alargado, integrando todas as formas e suportes das artes gráficas (ilustração, caricatura, cartaz, jornal, etc.), e também a pintura, a escultura, a cerâmica, a decoração e o mobiliário. Subjacente a esta estratégia de incremento da arte e do artista, estava a questão da crescente presença de produtos de design de origem estrangeira, portanto, um problema de concorrência a que os artistas portugueses deveriam estar atentos e dar resposta. Neste quadro, a defesa dos direitos de autor era também um tema de reflexão e debate.

Ora, do programa de actividades que a sociedade “Os Fantasistas” definiu nos seus estatutos, consta a edição de um jornal, pelo que se aceita que o *Miau!* represente um ensaio desse objectivo. Essa possibilidade resulta não tanto de o jornal se afirmar explicitamente como “órgão” da sociedade – assunção que não está presente em nenhum número da publicação –, mas, como já aqui foi referido, do facto de a sua direcção e o seu leque de colaboradores ser constituída maioritariamente por “fantasistas”. E o que vinham propor sob o título de *Miau!*, que traduz melhor a aflição ou o choradinho de quem pede comida ou abrigo? Para mais, a fragilidade que ele sugere é exactamente inversa à força que emana do desenho que ocupa toda a primeira página, tingindo-a de um laranja-



negro subversivo e urgente: uma mão a empunhar uma tocha em chamas. Ontem como hoje, a força atractiva de tamanha contradição impõe-se ao leitor, tornando-o receptivo ou pelo menos curioso, isto é, a questionar-se “onde está o gato”. Não perde muito tempo, porque o primeiro texto, espécie de editorial-programa, assinado por Guedes de Oliveira, vai directo ao assunto: «Os tempos vão de reclamação e protesto. Contra os erros sociais reclamam os povos. Contra os erros dos povos reclamam as classes. Contra os erros das classes reclamam os homens. Contra os erros dos homens reclamaremos nós. Miau!» Aclarando a natureza e o sentido das exigências e denúncias que ressoarão na páginas do *Miau!*, adiantam:

«E o que reclamamos nós?

Tudo!

Tudo, menos mais impostos.

Menos mais asneira.

Menos mais empregos.

Menos mais tentativas de restauração monárquica.

Menos mais revoluções armadas.

E depois e sempre:

Juízo!

Bom senso!

Moderação de apetite à gamélia [sic] do Estado!

Respeito pela pele do contribuinte.

E o bacalhau a três vinténs que nos prometeram, pois que o prometido é devido.

Miau!»

Para bom entendedor, os dinamizadores do periódico diziam-se republicanos, desiludidos e, sobretudo, esmifrados pela gula insaciável dos que se vinham sentando à mesa do poder; acusam algum cansaço político, e ameaçavam lançar o seu grito de alerta, *Miau!*, de garras em riste. A promessa não ficou completamente por cumprir. Mas a **Grande Guerra** que assolava a Europa desde Julho de 1914 é, sem dúvida, o tema que alcança maior visibilidade nas páginas do *Miau!*. Desde logo porque ocupa, invariavelmente, as suas duas páginas nobres – a primeira e a última –, a maioria das vezes, ocupadas exclusivamente por ilustrações e, por isso mesmo, as únicas que são coloridas. Além dos



dois desenhadores redactoriais de serviço, Leal da Câmara e Manuel Monterroso, o *Miau!* publicou nas suas melhores páginas caricaturas de outros autores nacionais, como **Christiano de Carvalho** (1874-1940)<sup>4</sup>, **Armando de Basto** (1889-1923)<sup>5</sup> e outros; e também de autores estrangeiros, como **Steinlen** (1859-1923)<sup>6</sup>, **Louis Raemaekers** (1869-1956)<sup>7</sup>, **Balluriau** (1860-1917)<sup>8</sup> e **Guilbransou**<sup>9</sup>. Mas se abrirmos a primeira página do *Miau!*, a esta já considerável galeria de artistas há ainda que acrescentar muitos outros, como **Gustavo Bordalo Pinheiro** (1867-1920)<sup>10</sup>, **Diogo Macedo** (1889-1959)<sup>11</sup>,

---

<sup>4</sup> Natural do Porto, começou a desenhar ainda jovem, revelando um forte pendor crítico que distribui pela imprensa. Essa postura acabará por determinar o seu exílio em Paris, na última década do século XIX. Aí permaneceu 7 anos, durante os quais estudou pintura e desenho, além de outras matérias, colaborou como ilustrador na imprensa e expôs. Beneficiando da “bondade” de uma amnistia, regressou a Portugal e colocou a sua arte ao serviço do ideal republicano, colaborando com a imprensa mais radical. Após a implantação da República, colaborou na revista *A Águia* e no movimento de renovação cultural que dela emanou, a *Renascença Portuguesa*. A opção pelas temáticas de índole social fazem dele um precursor do neo-realismo na arte portuguesa. As suas ilustrações fazem as últimas páginas do *Miau!*, n.ºs 8, 14, 17 e 19, e estão também presentes nas restantes.

<sup>5</sup> Natural do Porto, fez estudos na Academia Portuguesa de Belas Artes da cidade. Simultaneamente, fez-se colaborador da imprensa, distribuindo as suas caricaturas por variadíssimos títulos da imprensa portuense. Após a implantação da República, viajou para Paris a fim de se actualizar artisticamente. Entretanto, trabalhou para alguns jornais, como o *Pages Folles*, o *Bonnets Rouge*, e fez cartazes, ilustrou livros, participou em exposições, etc. O deflagrar da guerra em 1914 trouxe-o de regresso a Portugal e revelou-o como pintor modernista. No entanto, essa opção não o impediu de continuar a cultivar a ilustração e a caricatura, ainda que de forma menos intensa. Foi uma figura de destaque no movimento de “Os Fantasistas”, do qual o *Miau!* se afirmou porta-voz, desde o primeiro número. As suas criações foram publicadas nos n.ºs 12 e 13.

<sup>6</sup> Théophile Alexandre Steinlen, pintor, ilustrador e impressor, natural da Suíça. Viveu em Paris, e trabalhou em diversos jornais humorísticos como *Gil Blas illustre*, *Mirliton*, *Chambard*, *Rire*, *L'Assiette au beurre* e *Les Humouristes*, de que foi co-fundador. Consta que tinha grande paixão por gatos, pelo que não é de estranhar a sua colaboração no *Miau!*, que apresenta logo no primeiro número um friso decorativo composto desses simpáticos bichanos. Presente também no n.º 4.

<sup>7</sup> Nasceu na Holanda. Durante a Grande Guerra, publicou no jornal *De Telegraaf* muitas caricaturas de pendor anti-alemão ganhando grande notabilidade. No *Miau!* colaborou nos n.ºs 6, 8, 9, 12, 13.

<sup>8</sup> Paul Balluriau, nasceu em França, Montmartre. A sua actividade principal terá sido como ilustrador de *posters*, mas também terá colaborado com a imprensa humorística, nomeadamente *Gil Blas Illustré*, *Le Rire* e *La Semaine de Suzette*. Fez a última página do n.º 10, do *Miau!*.

<sup>9</sup> Trata-se de facto de Olaf Gulbransson (1873-1958) e o erro ficou possivelmente a dever-se a dificuldades de leitura ou troca de caracteres. Natural de Oslo, na Noruega. Entre 1900 e 1902, estudou em Paris, de onde seguiu para Munique, para trabalhar na revista satírica *Simplicissimus*. É publicado na última página do n.º 12, do *Miau!*, que num pequeno texto lhe elogia o virtuosismo do traço, «apezar de alemão» - assim o julgavam.

<sup>10</sup> Nasceu em Lisboa, filho do mestre da caricatura, Rafael Bordalo Pinheiro, mas desenvolveu um estilo próprio que deixou plasmado em jornais dirigidos pelo pai e noutros, como *O Gafanhoto* e a *Ilustração Portuguesa*. Presidiu ao Grupo de Humoristas Portugueses, participando nos Salões de Lisboa de 1912 e 1913. Também se dedicou à cerâmica, renovando a plástica herdada por via paterna, e ao ensino. No *Miau!* assina uma ilustração, datada de Dezembro de 1915, que ocupa a segunda página do n.º 4.



**Poulbot** (1879-1946)<sup>12</sup>, **Lucien Metivet** (1863-1932)<sup>13</sup>, **Paul Iribe** (1883-1935)<sup>14</sup> e **Luis Bagaria** (1882-1940)<sup>15</sup>. Referiram-se aqui exclusivamente os autores sobre os quais se encontrou alguma informação. São também reproduzidas ilustrações e caricaturas de outras publicações, mas sem indicar a autoria. Chama-se também a atenção para o facto de alguns números da publicação apresentarem uma capa, em papel de cor, com publicidade. Nela são também publicadas tiras cómicas. Por motivo da falta de papel, resultante do conflito, essa capa será reduzida e impressa em papel sem cor.

A explicação para a presença destes autores estrangeiros deverá estar nas relações pessoais que cultivavam. Terão conhecido a maioria deles em Paris, onde viveram por

---

<sup>11</sup> Diogo Cândido de Macedo nasceu em Vila Nova de Gaia. Fez o curso de Escultura da Academia Portuense de Belas Artes, que concluiu em 1911. Viajou para Paris à descoberta de novas tendências estéticas. Estudou nas Academias de Montparnasse, na "Académie de La Grande Chaumière" e na Escola Nacional de Belas-Artes. Nos anos seguintes, embora se mantenha a residir em Paris, vem com alguma frequência ao Porto e a Lisboa, participando em exposições de pintura e escultura. O início da Guerra determinou o seu regresso. Deixou-se envolver activamente na dinâmica cultural de Lisboa e do Porto, participando no 1º Salão dos Humoristas e, mais tarde, na fundação de "Os Fantasistas", além de colaborar pontualmente no *Miau!*. Também expôs, individual e colectivamente. Em 1920 viajou por França, acabando por se fixar em Paris, onde permaneceu até 1926. Estes terão sido anos muito produtivos, pontuados por muitas encomendas, exposições e projectos com a imprensa, nomeadamente com a *Ilustração Portuguesa*. Em 1941, foi convidado para dirigir o Museu de Arte Contemporânea, cargo que aceitou e que manteve até ao fim da vida.

<sup>12</sup> Francisque Poulbot, ilustrador, pintor e escultor francês. Publicou na revista *Le Pêle-Mêle* e, durante a Grande Guerra, na *La Baïonnette*, na qual ganhou fama a sua banda desenhada «Six Mioches», escrita por Charles Derennes. O tema da guerra inspirou-lhe também um livro que dedicou às crianças do bairro parisiense Montmartre. O *Miau!* publica-o na segunda página do n.º 8.

<sup>13</sup> Ilustrador francês e mestre na arte do humor, parte do seu trabalho encontra-se publicado nas revistas *Le Rire*, *La Semaine de Suzette* e outras. Também expôs no «Salon des Artistes Français», obtendo grande sucesso. No entanto, acabará por abandonar a arte da caricatura para se dedicar à concepção de cartazes e à ilustração. O *Miau!* apresenta o trabalho deste autor nos n.ºs 10, 12, 14.

<sup>14</sup> Ilustrador, jornalista e desenhador de moda francês e de decoração. Entre 1908 e 1910 estudou na École des Beaux-Arts e nos Rollin College, em Paris. Foi colaborador da imprensa satírica francesa, nomeadamente no *Le Rire*, *Sourire* e no *Beurre L'assiette*. No entanto, foi no mundo da moda que acabou por ganhar maior fama, desenvolvendo trabalhos para Coco Chanel, Jeanne Lanvin, Paquin Jeanne, Soeurs Callot e Jacques Doucet. Já de nome firmado no meio, montou o seu próprio estúdio e desenvolveu trabalhos na área do design e decoração. A guerra levou-o para Hollywood, onde se dedicará à cenografia para cinema e teatro. De regresso a Paris em 1920, trabalhou para o jornal político *Le Témoïn*. Está representado na segunda página, do n.º 12, do *Miau!*.

<sup>15</sup> Natural de Barcelona, Bagaria é considerado um dos mais importantes caricaturistas espanhóis da primeira metade do século XX. Naturalmente, foi na imprensa madrilenha que granjeou a sua popularidade. As suas caricaturas encontram-se distribuídas por diversos jornais e revistas. A sua postura intransigentemente anti-fascista, durante a guerra, acabou por lhe impor o exílio, primeiro, em Paris, mais tarde, em Cuba, onde acabará por falecer. O *Miau!* publica-o nos números 14 e 19.



razões de exílio (antes da implantação da República) ou para estudar nas suas conceituadas escolas de arte e tomar contacto com novas correntes e artistas que medravam na Cidade-Luz. Para sobreviver e ganhar nome muitos faziam-se colaboradores da imprensa, ilustradores e expunham as suas criações – contextos que, naturalmente, favoreciam o estabelecimento das mais diversas relações inter-pessoais. Assim se passou com muitos dos autores nacionais, mas também com os naturais de outros países europeus. O deflagrar da guerra motivou o regresso, mais ou menos apressado, de muitos artistas nacionais, mas não apagou as relações de amizade, ou simplesmente artístico-profissionais, entretanto tecidas. Pelo contrário, todos os que repudiavam o império Alemão e os seus aliados sentiam-se próximos e empenhados na luta contra o inimigo comum. No *Miau!* encontramos um forte testemunho dessa teia de solidariedades. A feição cosmopolita do *Miau!* possibilitou ainda ao público nacional um contacto directo com o trabalho de autores estrangeiros que, na generalidade e, provavelmente por opção, foram escolhidos entre os que cultivavam o traço simples, arejado e decorativo característico das correntes modernistas. Para o público mais conservador, essa experiência visual actuava também como uma espécie de “acreditação” para as propostas estéticas que os artistas nacionais mais inovadores, os modernos, vinham produzindo em contra-maré.

No plano literário, o *Miau!* cultiva também a diversidade quer nos temas, quer nos autores. Embora em relação a estes últimos essa marca seja, aparentemente, mais simulada do que real, atendendo à proliferação de nomes não identificáveis, prováveis pseudónimos, etc.. As notícias e os comentários directamente relacionados com a guerra predominam. Sob a forma de crónicas, pequenas notícias e comentários, quase sempre ilustrados, enaltecem-se as forças da *Tríplice Aliança*, diaboliza-se a Alemanha e destila-se um patriotismo exacerbado sobre a participação de Portugal no conflito<sup>16</sup>. Deste agrupamento temático, destacam-se, pela sua fantasia irónica, os comentários de «Napoleone Malaparte», ressuscitado pelo clamor dos canhões que destroem a ordem mundial que

---

<sup>16</sup> A Alemanha declarou guerra a Portugal a 9 de Março de 1916, momento que ficou devidamente assinalado no *Miau!* n.º 9, de 17 de Março de 1916.



construíra com tanto esforço, as «Chroniche della guerra» e as «Chroniche della strangia»<sup>17</sup>.

Da luta político-partidária e da agitação social em que o país anda mergulhado oferecem-se também alguns laivos de escrita, em prosa e em verso, mesclados com muita ferroada. Destaca-se uma aplicada com força máxima, mas pela calada: «O sr. dr. Bernardino Machado tem tido ultimamente algumas conversas e jantares em que o sr. Leote do Rego<sup>18</sup> tem sido chamado ao dente e à língua. Não lhes parece que o illustre chefe do estado se está chegando muito ao Rego?»<sup>19</sup>.

Os textos que apresentam alguma análise ou, pelo menos, acumulam maior número de caracteres, são crónicas que incidem sobre costumes, mais concretamente sobre a sua dissolução, sobretudo no universo feminino. A julgar pela relevância (relativa) que o tema assume no *Miau!* foi um fenómeno social galopante em contexto de guerra e sobre o qual se fizeram, rapidamente, as mais comoventes e acertadas projecções. Atente-se no miar soprado de Gomes Oliveira sobre a questão, autenticamente um bufar: «Não! Nada de modificações e nada de mistificações! Não me tirem a mulherzinha do seu lugar na terra e da sua função na vida, – senão, zango-me!»<sup>20</sup>. Além de Gomes Oliveira, o tema foi ainda escanhado por **André Brun** (1881-1926)<sup>21</sup>, **Aquilino Ribeiro** (1885-1963)<sup>22</sup> e por outros, mas sem que fosse assumida a autoria.

As páginas do *Miau!* abrem-se também, pontualmente, ao comentário à programação apresentada pelas principais salas de espectáculo. Todo este trabalho de redacção se encontra distribuído pelas duas páginas que fazem o “miolo” do jornal, a segunda e a terceira, e é profusamente ilustrado. Chama-se ainda a atenção para a presença de tiras

---

<sup>17</sup> Publicadas do n.º 2 ao n.º 7 do *Miau!*.

<sup>18</sup> Trata-se, provavelmente, de Jaime Daniel Leote do Rego (1867-1923), oficial da Marinha e deputado. Serviu em Moçambique e foi governado de São Tomé em 1911. Grande defensor da participação de Portugal na Grande Guerra, chefiou a divisão naval que se revoltou contra o governo de Pimenta de Castro, em Maio de 1915. Entre 1915 e 1919, foi deputado independente, eleito pelo círculo de Lagos. Alcançou o posto de Contra-Almirante.

<sup>19</sup> Cf. *Miau!*, n.º 6, p. 2.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Gomes - «O reinado das mulheres», in *Miau!*, n.º 7, p. 2.

<sup>21</sup> Cf. *Miau!*, n.º 1, p. 2.

<sup>22</sup> Cf. *Miau!*, n.º 9, p. 3.



cómicas e pequenas novelas gráficas, modelos muito próximos já da banda desenhada tal como hoje é entendida.

Do rol de pseudónimos literários presentes fazem ainda parte: Acácio Trigueiros, AGAT, Broa, Carochó, Frei Pepeno, Julius, Lau, Max e Santelmo. Por último, importa recordar que sob o argumento da guerra e da participação directa de Portugal no conflito, a partir de 1916, a liberdade de imprensa foi sendo progressivamente restringida, até a instituição da censura prévia. A 30 de Novembro de 1914, por força do Decreto n.º 1117, são proibidas as notícias não oficiais sobre as forças militares. Durante a ditadura de Pimenta de Castro, iniciada em Março de 1915, registam-se actos repressivos, mas à margem da lei. Alguns dias depois da declaração de guerra da Alemanha, mais concretamente a 12 de Março de 1916, pela letra do Decreto n.º 2270, é instituída a primeira Lei de Imprensa Especial, que previa já a apreensão de quaisquer escritos susceptíveis de «alarmar o espírito público ou de causar prejuízo ao Estado no que respeita quer à sua segurança interna ou externa, ou ainda aos trabalhos de preparação ou execução de defesa militar.» Alguns dias depois, pela Lei n.º 495, de 28 de Março, regulada pelo Decreto n.º 2308, de 31 de Março, foi então instituída a **censura prévia**. A medida gerou uma acesa discussão logo em sede parlamentar, que rapidamente se propagou na opinião pública. O *Miau!* não deixou de expressar alguma indignação, mas parece confiante nas suas técnicas de simulação: «Pela parte que nos toca, somos a dizer a censura prévia não nos apanhará na rede, visto que o *Miau!* no mais simples gesto – ainda que seja das armas de S. Francisco – será sempre executado de luva branca...»<sup>23</sup>. Não obstante o optimismo, dois meses depois, em Maio, sem aviso prévio, o *Miau!* extinguiu-se.

Rita Correia  
(24/11/2010)

### **Bibliografia:**

DEUS, António Dias de – *Os comics em Portugal: uma história da banda desenhada*. Lisboa : Cotovia/Bedeteca, 1997. ISBN 972-8423-04-7.

---

<sup>23</sup> Cf. *Miau!*, n.º 12, p. 3.



*Francisque Poulbot* [Em linha]. [S.l.]: Lambiek.net, [S.d.]. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: <http://lambiek.net/artists/p/poulbot.htm>

*Francisque Poulbot* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 27 Out. de 2010. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://fr.wikipedia.org/wiki/Francisque\\_Poulbot](http://fr.wikipedia.org/wiki/Francisque_Poulbot)

FRANCO, Graça – *A censura à imprensa (1820-1974)*. S.L.: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993. ISBN – 972-27-0570-9.

*Grande enciclopédia portuguesa brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

*“O Jogo da Política Moderna”: desenho humorístico e caricatura na I República* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Direcção Municipal de Cultura: Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 972-8695-35-4.

*Louis Raemaekers* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 16 Nov. de 2010. [Consult. 22 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://en.wikipedia.org/wiki/Louis\\_Raemaekers](http://en.wikipedia.org/wiki/Louis_Raemaekers)

*Louis Raemaekers* [Em linha]. [S.l.]: Propaganda Postcards, [S.d.]. [Consult. 22 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://www.ww1-propaganda-cards.com/louis\\_raemaekers\(1\).html](http://www.ww1-propaganda-cards.com/louis_raemaekers(1).html)

*Lucien Metivet* [Em linha]. [S.l.]: Lambiek.net, [S.d.]. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW: [http://lambiek.net/artists/m/metivet\\_lucien.htm](http://lambiek.net/artists/m/metivet_lucien.htm)

*Lucien Metivet* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 10 Fev. de 2010. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Lucien\\_M%C3%A9tivet](http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Lucien_M%C3%A9tivet)

*Luis Bagaria* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 23 Set. de 2010. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://es.wikipedia.org/wiki/Luis\\_Bagar%C3%ADa](http://es.wikipedia.org/wiki/Luis_Bagar%C3%ADa)

*Olaf Gulbransson* [Em linha]. [S.l.]: Spartacus Educational, [S.d.]. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/ARTgulbransson.htm>

*Olaf Gulbransson* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 17 Nov. de 2010. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://en.wikipedia.org/wiki/Olaf\\_Gulbransson](http://en.wikipedia.org/wiki/Olaf_Gulbransson)

*Paul Balluriau* [Em linha]. [S.l.]: Lambiek.net, [S.d.]. [Consult. 22 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://lambiek.net/artists/b/balluriau\\_paul.htm](http://lambiek.net/artists/b/balluriau_paul.htm)

*Paul Iribe* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 18 Nov. de 2010. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://en.wikipedia.org/wiki/Paul\\_Iribe](http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Iribe)

Revista *Simplicissimus* [Em Linha]. [Consult. 22 Nov. 2010]. Disponível em: WWW:<URL:<http://simplicissimus.info/>

ROJAS, Daniel – *Las caricaturas de Luis Bagaria* [Em linha]. Chile: Sinosargo Ediciones, actual. 28 Set. de 2008. [Consult. 23 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: <http://cinosargo.bligoo.com/content/view/286740/Las-caricaturas-de-Luis-Bagaria.html>



SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da arte da caricatura em Portugal*. S.l.: Humorgrafe/S.E.C.S, 1998. ISBN 972-8380-27-5.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *A caricatura política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional de Caricatura, 1991.

*Théophile Steinlen* [Em linha]. [S.l.]: Wikipedia, actual. 16 Nov. de 2010. [Consult. 22 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: [http://en.wikipedia.org/wiki/Th%C3%A9ophile\\_Steinlen](http://en.wikipedia.org/wiki/Th%C3%A9ophile_Steinlen)